

O CIRCUITO DE AFETOS EM *O IRMÃO ALEMÃO*, DE CHICO BUARQUE

THE CIRCUIT OF AFFECTIONS IN MY GERMAN BROTHER, BY CHICO BUARQUE

Thaís Sant'Anna Marcondes¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo observar como alguns afetos se inscrevem ao longo do romance *O irmão alemão*, de Chico Buarque (2014). Baseados nos estudos de Vladimir Safatle (2018), analisamos a importância de dois momentos históricos — o nazismo alemão e a ditadura militar brasileira — para pensar como esses regimes marcam o circuito de afetos aderidos pelas personagens. E, apoiando-se nas definições de afetos de Spinoza (2016), tentou-se entender como as afecções dos corpos da família do protagonista influenciam em suas potências de agir.

Palavras-chave: Chico Buarque; afetos; circuito.

ABSTRACT: This article aims to observe how some affections are inscribed throughout the novel *My German Brother*, by Chico Buarque (2014). Based on Vladimir Safatle's studies (2018), we analyze the importance of two historical moments — the German Nazism and the Brazilian military dictatorship — to think how these regimes mark the circuit of affections adhered to by the characters. And, based on Spinoza's (2016) definitions of affections, we tried to understand how the affections of the bodies of the protagonist's family influence their powers of action.

Keywords: Chico Buarque; affections; circuit.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos a era do mundo globalizado, sobre a qual nos fala Zygmunt Bauman em *Modernidade líquida* (2001). A fluidez caracterizadora dos líquidos é o aspecto escolhido pelo autor como a principal metáfora para o estágio presente da era moderna. Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Tudo em nossa sociedade atual se move facilmente, se transforma, se esvai. A volatilidade

¹ Doutoranda, UFF.

desorganizou, criou formas originais de estruturação em todas as esferas da vida social, especialmente nas relações humanas — afetivamente esvaziadas. E a literatura contemporânea tem estado atenta a esse fenômeno, colocando em cena personagens que tentam lidar com essa nova realidade.

Um exemplo de obra brasileira contemporânea sensível a essa questão é *O irmão alemão*, de Chico Buarque, publicada em 2014. O livro centra-se na busca do narrador-personagem Francisco (apelidado como Ciccio) por seu irmão alemão.

A semelhança entre o nome do autor e do personagem não deve, no entanto, levar a crer que se trata de um registro memorialístico. O livro segue uma tendência atual de flertar com a realidade sem se enquadrar em uma autobiografia. Em nota inserida no final do livro, Chico Buarque revela que, de fato, descobriu a existência de seu irmão alemão e tentou buscar informações sobre ele em Berlim. Contudo, *O irmão alemão* ficcionaliza memórias do autor e não se quer correspondente aos fatos.

A narrativa se passa em São Paulo, nos anos de 1960, quando Ciccio toma conhecimento da existência de um filho que seu pai teve na época em que esteve na Alemanha, através de uma carta que encontra dentro de um livro. Essa carta, assemelhando-se ao capítulo “O velho diálogo de Adão e Eva”, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, também figura no livro como se fosse composta por linhas pontilhadas. Enquanto Brás Cubas optou por esse recurso para descrever o ato amoroso entre ele e Virgília, repetido por todos desde Adão e Eva, o livro de Chico Buarque traz as linhas pontilhadas na carta não somente referindo-se à comunicação entre um casal, mas também porque o narrador não compreende a escrita em alemão e só consegue entender o cabeçalho e a assinatura “Anne”. Ao encontrar tal carta, o personagem resgata uma memória de infância em que acha já ter ouvido falar sobre um filho de seu pai na Alemanha.

Começa ali uma intensa busca recheada de aventura, imaginação, delírio e esperança na tentativa de encontrar o irmão que tire o narrador de sua solidão familiar,

que partilhe com ele gostos em comum e que, principalmente, desperte o interesse de seu pai — dono da segunda maior biblioteca particular de São Paulo, amigo de grandes escritores e que reina isolado em sua torre esfumaçada, onde paredes são feitas de livros².

O narrador descreve minúcias de sua família e do funcionamento de sua casa. O pai, Sérgio, não apreciava nenhum luxo, seu tesouro eram os livros. Passava os dias lendo com a pretensão de escrever — em um trabalho sempre adiado — o melhor livro do mundo. A mãe Assunta era quem controlava a família, organizava a casa e a biblioteca do marido. A casa era o lugar onde as obras literárias eram distribuídas num sistema indecifrável. O objetivo parecia ser manter Sérgio numa relação de dependência extrema: se ele quisesse um livro, era só pedir que ela iria buscar. Nem os cômodos dos filhos eram poupados da organização de Assunta, o que parece ter influenciado o amor do narrador pela literatura.

Buscar o irmão é uma forma de encontrar um afeto do pai que, apesar de partilhar com Francisco do mesmo amor pelos livros e pela arte, prefere conversar com o outro filho, Domingos, que se distingue muito do narrador, por ser um rapaz mulherengo, também o preferido da mãe Assunta, leitor da *Playboy* e da *Luluzinha*, e que está sempre a par das novas da atriz Brigitte Bardot. A relação de Ciccio com este irmão é marcada pela distância e pela competição.

Outro aspecto importante do livro é a data da carta que Francisco descobre e que vem a ser o mote para sua busca. Ela é datada de 1931, ou seja, a infância do irmão alemão se deu na Alemanha pré-nazista — motivo de muita preocupação do narrador. Em outras partes do romance, veremos outras tantas cartas trocadas com Anne e com

² Uma questão muito presente no romance é a metaliterariedade. Esse não é o objetivo deste estudo, mas cabe destacar aqui que o aspecto autorreferencial da ficção está em diversos episódios: as paredes feitas de livros, o ciúme do narrador de seus livros escolares, a carta da mulher alemã dentro do livro *O ramo de ouro*, entre outros.

o governo na tentativa de Sérgio trazer o filho ao Brasil e de comprovar que não há resquícios judaicos no menino.

Além disso, a narrativa da busca de Francisco por seu irmão alemão se dá em meio à ditadura militar brasileira. Esse contexto histórico violento aparece discreto no início da trama e vai tomando forma quando Sérgio tenta publicar algo sobre o caso do desaparecimento de um rapaz e é censurado por algum responsável da revista para a qual trabalhava. Ao final, o regime captura o irmão Domingos, cuja voz já havia servido como instrumento de propaganda.

O objetivo do presente trabalho é observar como os afetos figuram ao longo da narrativa de Buarque, na qual o personagem principal, marcado pela carência, busca o filho perdido de seu pai a fim de chamar a atenção do patriarca. Para isso, será estudada a relevância dos dois momentos históricos que perpassam a narração — o nazismo alemão e a ditadura militar brasileira — pois entende-se que esses regimes autoritários, marcados por modos mais radicais da gestão social do medo, podem influenciar o circuito dos afetos daqueles personagens. Importa analisar também a construção da família disfuncional que mantém Ciccio sozinho com seus livros e sua imaginação.

2. OS CIRCUITOS DE AFETOS

Vladimir Safatle, em seu livro *O circuito dos afetos* (2018), propõe uma nova compreensão acerca do que é uma formação social, fundamentada em vínculos sociais inseridos em um circuito de afetos. Ao afirmar que há uma adesão social construída por meio das afecções³ (SAFATLE, 2018, p. 16), o autor caracteriza a dinâmica das sociedades como um conjunto de afetos que impõe aquilo que se vê como possível. O

³ Safatle recorre às definições de Baruch Spinoza (também conhecido como Benedictus de Spinoza) para basear sua teoria. De acordo com Spinoza, afetos seriam as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada (SPINOZA, 2016, p. 98). As afecções seriam, portanto, as alterações, as modificações sofridas por nossos corpos quando se encontram, afetam e são afetados por outros corpos.

modo como os indivíduos são afetados, o que sentem e o que não sentem, o que percebem e o que não percebem, determina seus julgamentos e suas ações.

Tomando como base a filosofia hobbesiana, Safatle entende que se deve partir dos modos de gestão social do medo para compreender o circuito de afetos das sociedades. O medo é visto como afeto político central, que faz os homens tenderem a respeitar as leis. É a consequência de a política liberal valorizar o homem definido pela busca de seus próprios interesses e pelo reconhecimento de suas fronteiras. Essa determinação de sujeitos sob a forma de indivíduos que tem em si a figura principal de suas singularidades traz como resultado a definição do outro como invasor, que se associa à criação de uma cultura da paranoia em que há sempre o risco eminente de ser violentado pelo outro. Em meio a essa cultura, a figura do poder, do controle e da unidade soberana do Estado imporia limites ao estado natural da guerra de todos contra todos. A função do Estado seria, portanto, lembrar a todo momento da insegurança dos indivíduos para vender a sua suposta segurança.

Voltando o olhar para o romance que está sendo estudado, podemos focalizar a relevância dos dois momentos históricos que perpassam a narração — o nazismo alemão e a ditadura militar brasileira. Entende-se que estes dois contextos, excedendo os modos tradicionais da gestão social do medo, podem influenciar o circuito dos afetos aderidos pelos personagens.

O nazismo alemão é compreendido como o período entre os anos 1933 e 1945, quando o governo da Alemanha foi controlado por Adolf Hitler. Sérgio deixou a Alemanha, Anne e seu filho antes da implantação do nazismo. A carta encontrada por Ciccio no primeiro capítulo do livro é de Berlim, datada de 1931, e traz a informação de que o filho de Sérgio estava completando um ano naquela ocasião. Nota-se a preocupação de Anne em registrar o nome de um pai para o filho. Dois anos depois do envio dessa carta, ela, seu filho e toda a população da Alemanha veriam o país se transformar em um Estado totalitário fascista, cujo caráter racista levou à perseguição

e eliminação de judeus e outras minorias. Por compreender esse contexto histórico, não são raros os momentos de divagação de Ciccio nos quais imagina as possíveis atrocidades sofridas pelo irmão.

Folheando outro livro, o narrador encontra uma carta no quarto do irmão Mimmo, em que são apontados os esforços repetidos de Sérgio em tentar provar para o governo alemão que seus antepassados não possuíam origem judaica. Isso porque ele pretendia firmar o contrato de adoção.

O que se depreende do primeiro contexto histórico da narrativa é que a Alemanha nazista representada no romance intensificou o modo de gestão do medo de uma sociedade refém do discurso de crise permanente perante o outro invasor que ameaça a paz. Não à toa há o empenho em comprovar a todo custo a origem dos antepassados de Sérgio. Se, de acordo com Safatle, para entender como uma sociedade constitui laços sociais e constrói sua coesão é preciso saber quais são os afetos hegemônicos que produzem os contatos entre os indivíduos, o romance de Buarque faz performar o medo em seu estado excessivo potencializado e administrado pelo governo alemão, que muda a vida do irmão alemão do narrador ao fazer exigências burocráticas implacáveis para provar a origem ariana do menino. Caso as formas de vida daquela sociedade gerenciada pela propaganda nazista não correspondessem a todos os predicados que pudessem fazer delas arianas puras, era preciso eliminá-las por serem motivo de insegurança.

Um movimento muito importante no romance ocorre quando as preocupações causadas pelas conjecturas do sofrimento do irmão alemão em campos de concentração se transformam, pois Mimmo, o irmão brasileiro do narrador, é capturado pelo governo ao qual, ironicamente, emprestou sua voz que serviu como propaganda de rádio: “quem não vive para servir ao Brasil não serve para viver no Brasil” (BUARQUE, 2014, p. 72). O enfoque dado às barbaridades que poderiam ter acontecido ao irmão alemão durante o nazismo passa a ser preocupação real durante outro regime de força: a ditadura

militar no Brasil. O momento presente da narrativa é a São Paulo dos anos da ditadura e o motivo do sumiço de Mimmo é o envolvimento deste com Tricina, esposa de um amigo do narrador. Este irmão mulherengo que não entendia nada de política é considerado ameaça ao Estado brasileiro. Ao se dar conta da perversa teia política em que o irmão caiu, o narrador transforma suas afecções: “E eu que nunca morri de amores por aquele irmão, eu que o teria trocado por um irmão alemão sem pestanejar, passei a me inquietar com a ameaça de ficar sem irmão nenhum. Naqueles dias de incerteza eu partilhava sobressaltos com a minha mãe cada vez que tocavam a campanha de casa” (BUARQUE, 2014, p. 160).

O discurso que apontava para o objetivo da instauração do regime militar no Brasil tinha como base livrar o Brasil da corrupção e salvá-lo do comunismo. É a promessa de segurança representada pelas Forças Armadas que vai eleger o medo como afeto político central e como motivo para eliminar todos que fossem considerados ameaças ao Estado. Uma cena brutal de violência por parte dos militares é apresentada no romance quando o narrador e sua namorada Minhoca dobram uma esquina e se deparam com dois camburões. Minhoca é revistada e o protagonista observa a cena de longe. É quando aparece um camburão que larga um homem, que parece ter a mesma idade do narrador, no chão:

Com o corpo teso e as duas mãos no chão, como um corredor na linha de partida, o rapaz olha para um lado e para o outro, olha para o céu sem arco-íris. E ao primeiro tiro larga a mil em direção à rua de onde veio, talvez no intuito de voltar para a casa dos amigos, da namorada, da mãe. Antes da esquina estaca, rodopia, corre de volta para cá, e é quando a fuzilaria se intensifica. Eu não gostaria de ver sua cara, e de fato não vejo porque explode, a cabeça dele explode antes que eu possa fechar os olhos. Quando os reabro vejo o rapaz que ainda foge, mas sem a cabeça, é um corpo sem cabeça que corre uns dez metros, botando sangue pelo pescoço, pela barriga e pelo cu, quando tomba não muito longe do pensionato. Logo depois vem o segundo camburão, que pelo menos tem a misericórdia de não esmagar o corpo, antes de o recolher pela porta traseira e partir. (BUARQUE, 2014, p. 99).

O romance de Buarque mostra não somente a atuação da Alemanha nazista e seu circuito de afetos a partir do modo de gestão social do medo do outro, mas também aponta o Estado ditatorial brasileiro como representante de uma força insuperável que provocava continuamente o sentimento de desamparo na luta contra o inimigo interno — aqueles que se opunham ou eram considerados uma ameaça ao regime, como é o caso de Mimmo — para legitimar-se como promotor da segurança e da ordem.

3. ENTRE AS PAREDES FEITAS DE LIVROS

A casa onde a família do narrador mora é importante para o enredo: as paredes são feitas de livros e a garagem parece uma biblioteca pública. Sem os livros, a casa ficaria oca e “talvez ruísse, sem a massa livresca a ossatura das estantes talvez envergasse até estalar” (BUARQUE, 2014, p. 189). O motivo disso era o fato de Sérgio, o pai do narrador, ser um grande admirador de literatura que passou seus dias lendo e relendo os clássicos, recebendo livros de editoras que prezavam por sua opinião e cultivando a amizade de ilustres escritores.

Todos os membros da família, de certa forma, se relacionavam afetivamente com os livros, e isso pode ser tomado como um reflexo da forma como cada um ali se relacionava com a própria família estruturada nessa casa de paredes compostas por estantes.

Importa-nos aqui investigar de que maneira as afecções dos corpos dos personagens influenciam em suas potências de agir dentro do núcleo familiar, tendo em vista a maneira como Baruch Spinoza compreende o termo afeto (SPINOZA, 2016, p. 98). Ademais, em *Amor líquido* (2004), Bauman oferece outra chave de leitura pertinente. Na modernidade líquida, as conexões estabelecidas se caracterizam por serem frouxas, sem garantia de permanência para que possam ser desfeitas com facilidade e sem dor. Em um mundo individualizado, em que as relações virtuais

estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos, as pessoas passaram a ter horror à possibilidade de se ligarem permanentemente por conta da perda da liberdade para se relacionarem com outras. É a partir dessa ótica que podemos pensar o relacionamento entre Sérgio e Assunta, pilares do núcleo familiar daquela casa.

Assunta, mãe do narrador, controlava todo o funcionamento da casa por ser a única que entendia a organização dos livros. Era necessário passar por ela o pedido para encontrar qualquer obra literária, algo que acabava se estendendo também a outros objetos, como uma pasta com as lembranças de Anne, que Assunta trancou na gaveta de sua própria mesinha: “Caso o papai desejasse muito olhar alguma coisa, que não hesitasse em lhe pedir a chave” (BUARQUE, 2014, p. 55). Assunta, logo após o casamento, ao se deparar com os vestígios de Anne por toda a casa, como afirma o próprio narrador (p. 54), deseja evitar a lembrança do afeto de Sérgio pela moça alemã. Por precaução, guarda-a trancada junto com seus próprios pertences, dentro de seu próprio sistema de organização da casa e da família.

Assunta constrói sua própria garantia de permanência na família: ela se faz necessária ao criar um laço não frouxo. Sérgio não poderá ter facilidade para desengajar-se de sua relação com a mulher. Na lógica do *Amor líquido*, sem o poder de conhecimento do seu sistema organizacional, ela poderia correr o risco de ser trocada com facilidade pela própria Anne, a mulher alemã por quem Sérgio se apaixonou um dia e teve que abandonar por ser chamado para regressar ao Brasil e servir ao Exército. A personagem, portanto, se desdobra para conseguir fazer com que o laço que une o marido a ela mantenha uma forma fixa mesmo em meio a uma época marcada pela fluidez dos afetos líquidos. O amor que Sérgio cultivava pelos livros precisa dela para se realizar. Para conseguir isso, Assunta dedica muita atenção, vigilância constante e esforço, fundindo-se à própria biblioteca na vida de Sérgio: “Creio porém que tratar dos livros fosse nela uma vaidade tão singela quanto arrumar os cabelos, porque no fundo

ela sempre soube que meu pai, embora marido extremoso, não a distinguia muito bem da biblioteca” (BUARQUE, 2014, p. 181).

Ela é a chave para que o marido possa encontrar seus livros e suas lembranças, e é ela também que funciona como chave para que o narrador possa encontrar mais pistas na busca do irmão alemão:

Esta manhã, portanto, mamãe me chamou ao seu quarto com o pretexto de lhe alcançar na última prateleira as Confissões de Santo Agostinho. Pediu-me que tirasse os sapatos, a fim de subir em sua mesinha de cabeceira, e foi quando pela primeira vez vi semiaberta a gaveta dos seus segredos. Ela ainda me comunicou que ia à igreja, como se eu desconhecesse sua rotina dominical, e foi-se embora esquecendo o Santo Agostinho na cama. (BUARQUE, 2014, p. 118).

Por ser a imagem que representava o controle do funcionamento da casa e das informações que circulavam dentro dela — dentro dos livros ou fora deles —, o narrador acreditava que era possível que a mãe soubesse mais de seu irmão alemão que o próprio pai da criança.

Sérgio, pai do narrador, é o dono da biblioteca. É o leitor voraz que está sempre imerso em todos os livros do mundo para escrever o melhor deles — deixando fragmentos de sua vida em todas as páginas que leu: “Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelzinho com garranchos, recibo da farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro” (BUARQUE, 2014, p. 08).

Talvez, por esse motivo, o narrador estivesse sempre tão interessado nos livros do pai, mesmo que a mãe o advertisse para não os pegar. Manusear um livro dele era estar próximo de sua vida, algo que lhe era negado por uma distância que Sérgio mantinha do narrador, por preferir conversar com o outro filho.

Dentro de seus livros, Sérgio guardou algumas de suas cartas com Anne. O livro que guardava uma dessas cartas e que desencadeou a curiosidade do narrador foi o

Ramo de Ouro, de Sir James George Frazer. E, pelo modo como o narrador nos relata, o livro consistia na própria metáfora do ramo de ouro na vida do pai, o ramo mais precioso e protegido: “Preciso guardá-lo exatamente em seu lugar, pois se meu pai não admite que eu mexa nos seus livros, que dirá neste” (BUARQUE, 2014, p. 10).

Sérgio é percebido pelo narrador através desses resquícios de vida que ficam dentro dos livros que lê, através de sua letra nas cartas que procura. Francisco afirma que obteve tanta experiência em tentar conhecer o pai pelos livros que consegue saber quantas vezes Sérgio leu um mesmo livro e que também é capaz de medir quantos minutos ele se deteve em cada página. Além disso, Ciccio não costuma perder tempo com os livros que o pai nunca abriu, ou seja, a autoridade paterna para qualificar uma obra é, para o narrador, a única avaliação importante e realmente capaz de julgar um livro bom para ser lido ou não. O ato de entregar um artigo escrito pelo pai na redação de uma revista é visto pelo narrador como uma honra, uma responsabilidade incomparável. As palavras do pai estão presentes na vida do narrador até em momentos cômicos do livro, quando, por exemplo, a maconha que vai comprar de uma aluna parece se oferecer de modo muito explícito justamente por estar enrolada numa folha de jornal que traz a coluna de autoria de Sérgio de Hollander. Seu pai é a representação da sagrada escritura em sua vida.

Essa figura patriarcal que renega Ciccio é motivo de sua obsessão pelos fragmentos de vida encontrados nos livros. Por isso, outro aspecto interessante a se analisar é a relação sensual que o narrador mantém com os livros da casa. Ao mesmo tempo em que são o suporte que impede que seu lar desabe, eles são sua companhia em meio a tantos momentos solitários e é com eles que o narrador sente prazer ao mexer na estante, ou ao roçar sua espinha nas capas ou ao esfregar suas bochechas nas lombadas. E, mantendo a lógica que seguia em sua vida amorosa, em que se relacionava apenas com as mulheres defloradas pelo irmão, usava também livros escolares de 2ª mão, já engordurados e rabiscados por Mimmo.

Os livros também são motivo para que o narrador se gabe frente aos colegas da faculdade de Letras. Ele ostentava os exemplares autografados por grandes escritores que eram amigos de seu pai. Até mesmo para inventar alguma história para seus amigos, Ciccio recorria a alguns livros que ele vinha lendo ultimamente e misturava as ficções, criando alguma mentira.

O irmão do narrador, Mimmo, parece ser o único que recebe a atenção do pai. Os livros, para este filho, tinham utilidade dentro de seu quarto quando ele queria espantar alguma moça e resolvia assustá-la apontando para as baratas que percorriam as obras. Ou se resumiam aos gibis que ele lia dentro do escritório do pai, motivo que causava muitos ciúmes em Ciccio, a quem a entrada no escritório de Sérgio era vedada.

A tentativa de chamar a atenção do pai através dos livros não se restringia apenas à esperança de impressioná-lo por ter lido famosas obras em outras línguas. Há um episódio relatado pelo narrador em que seu irmão lhe contou que, quando ele nasceu, o pai o tomou por mongoloide. A gargalhada de Mimmo ao tirar sarro da situação o incomoda tanto que Ciccio resolve magoar o pai rasgando as páginas de um livro muito raro e urinando nelas, não apenas por adivinhar o valor que aquele livro poderia ter, mas principalmente por saber da intensidade do afeto que o pai tinha por alguns volumes acomodados num nicho da sala de visitas, como que em um altar.

Ser um homem das letras era o objetivo do narrador que, com esperança, pensava que só assim Sérgio poderia se aproximar dele. Mas o único diálogo que encontramos entre os dois personagens é justamente quando pela primeira vez Ciccio entra no escritório na presença de Sérgio, que o interroga sobre andar mexendo em seus livros de Kafka. Ciccio prontamente responde que não, por achar que ainda não era capaz de ler Kafka no original. Sérgio finaliza o diálogo desapontado, perguntando se com três anos de escola ele ainda não tinha aprendido alemão. Esse diálogo truncado entre pai e filho surpreende o narrador, que nunca havia conseguido estabelecer uma comunicação satisfatória com Sérgio antes e é marcado pelo desprezo do pai por ele. Na visão de

Spinoza, entende-se por desprezo “a imaginação de alguma coisa que toca tão pouco a mente que esta, diante da presença dessa coisa, é levada a imaginar mais aquilo que a coisa não tem do que aquilo que ela tem” (SPINOZA, 2016, p. 142). Este é o afeto oposto à admiração, que o filósofo conceitua como “a imaginação de alguma coisa à qual a mente se mantém fixada porque essa imaginação singular não tem qualquer conexão com as demais” (SPINOZA, 2016, p. 142). A admiração é o afeto que Ciccio buscou que o pai cultivasse por ele. Até mesmo depois de o pai estar morto, ainda sobrevive no narrador uma lamentação por não ter sido útil, prestativo, por não ter sido causa de sua admiração: “Lamentei que ele não tivesse vivido mais de cem anos para que, saturado das letras, só concedesse em ler romances que tivessem passado pelo meu crivo” (BUARQUE, 2014, p. 217–218).

Bauman faz uma interessante distinção entre parentesco e afinidade em seu livro *Amor líquido* (2004). Para ele, o parentesco é um laço incondicional, irrevogável e indissolúvel. Ao contrário disso, a afinidade seria eletiva. Sendo assim, nesse mundo de relações frágeis, o ideal para um sujeito da modernidade líquida seria “que o parentesco fosse precedido da escolha, mas que a consequência desta fosse exatamente aquilo que o parentesco já é: indiscutivelmente sólido, confiável, duradouro, indissolúvel” (BAUMAN, 2004, p. 45). A escolha seria o fator determinante para transformar o parentesco em afinidade. A relação que Sérgio mantém com Ciccio é apenas de parentesco, motivo pelo qual o narrador tenta a todo custo obter a afinidade do pai seja pela dedicação às letras, seja pela busca por seu filho que ficou na Alemanha. Por outro lado, Sérgio mantém com Mimmo uma surpreendente afinidade. É a este filho que ele confia a entrega de seus artigos à revista e é com ele também que Sérgio guarda uma pasta com fotos e manuscritos em alemão, provavelmente cartas endereçadas a Anne:

Escondo a foto por baixo da gaveta arrombada do meu irmão, a quem papai a confiou como em testamento. E compreendo afinal de quem tanto se falava noites adentro, quando os dois sentavam lado a lado no escritório. [...] as explicações que ele pode ter pedido a Anne, as respostas que recebeu ou não, as cartas que remeteu

às autoridades alemãs, o paradeiro de Sérgio Ernst que andei investigando com tamanho afinco, tudo isso ele terá revelado de graça ao meu irmão, que talvez mal soubesse onde fica a Alemanha [...] (BUARQUE, 2014, p. 157).

O afeto ciúme, de acordo com Spinoza, seria “uma flutuação de ânimo surgida, ao mesmo tempo, do amor e do ódio, acompanhados da ideia de um outro de quem se tem inveja” (SPINOZA, 2016, p. 122). Então, como visto, apesar da semelhança de gostos entre o narrador e seu pai, este escolheu um vínculo de afinidade com o outro filho, por compartilhar com ele as confidências sobre a mulher por quem se apaixonou na Alemanha. Isso tudo causará no narrador explosões de ciúmes por esse irmão.

Entretanto, o narrador vê em sua busca pelo irmão alemão uma esperança de encontrá-lo para poder ter a atenção do pai e para talvez compartilhar com esse irmão do mesmo gosto pela leitura e, por isso, fantasia como deve ser sua relação com os livros:

Ele passaria os dias na Biblioteca Nacional, ignorando que em seus corredores imitava as passadas largas do pai. Manusearia com avidez as mesmas páginas de poesia e prosa que o pai nunca se cansou de manusear. E ao passar para a literatura contemporânea, quero supor que o rapaz, sem motivo perceptível, sentisse certo mal-estar naquele recinto (BUARQUE, 2014, p. 27-28).

Por essa razão, quando o narrador está próximo de uma descoberta, muito o anima a ideia de que o filho da esposa de um famoso pianista — possivelmente quem ele acredita ser seu irmão — também tem gosto por literatura. Christian, que o narrador conhece, mas depois acaba descobrindo que não vem a ser seu irmão de fato, era professor da Aliança Francesa. O narrador é tomado pelo afeto do desejo, conceituado por Spinoza como, ao lado da tristeza e da alegria, um afeto primário, “o apetite juntamente com a consciência que se tem dele” (SPINOZA, 2016, p. 106). Isso se explica porque Ciccio não conhece seu irmão alemão, mas tem muita esperança de encontrar nele um semelhante. Por querer tanto achar Sergio, o irmão alemão, ele fantasiava e desejava que o irmão fosse também um homem com gosto por livros.

Mas até desse forte candidato a ser seu desejado irmão o narrador sente inveja, que, de acordo com Spinoza, é “o próprio ódio, enquanto considerado como dispendo o homem a se encher de gáudio com o mal de um outro e, contrariamente, a se entristecer com o seu bem” (SPINOZA, 2016, p. 115). Christian revela que possui alguns escritos e Ciccio não suporta a ideia de que o rapaz poderia publicar um livro e ele não. E então começa a imaginar como seria se se aventurasse na literatura, e pensa até em romancear a história de Anne Ernst e seu pai na Alemanha dos anos 30 para conseguir esclarecer, concluir, através da ficção, o final da história tão presente nas fantasias do narrador.

Todavia, Francisco não consegue realizar este projeto. Ao final do romance, dedica sua vida a escrever em um blog que faz sucesso depois que um veterano da revista Gazeta o aponta como um gramático oportunista e pedante que mancha o nome do pai, e chega a alcançar o status de polêmico mestre da norma culta nas redes sociais. Acaba trocando sua dedicação à literatura por consumo de pornografia na internet a ponto de não conseguir mais se concentrar na leitura de livros, pois os lia como talvez seu irmão os lesse (BUARQUE, 2014, p. 196). As tentativas frustradas de impressionar o pai com sua dedicação à literatura transformam-se ao final em tentativas de ser o próprio irmão Mimmo.

Por fim, quando o narrador chega próximo de encontrar realmente seu irmão alemão perdido, aparece outra frustração, pois Sergio não era um homem das letras como ele tanto esperava, mas um homem da música:

[...] Sergio era monoglota. Não era homem de muitas letras, embora tivesse lido Goethe e Schiller na escola [...] Mas sua esposa, a sonoplasta, sempre lhe recomendava que não largasse no estúdio suas anotações, cheias de erros gramaticais. Ao que parece, por volta dos dezesseis anos Sergio Günther trocou os estudos pela caserna [...] a fim de ingressar no prestigioso coro do exército. (BUARQUE, 2014, p. 223).

Retomando o conceito de desejo cunhado por Spinoza e já mencionado aqui anteriormente, fica claro que todo o esforço feito por Ciccio para buscar o irmão

perdido, todo esse desejo unido aos seus devaneios e fantasias resultou em seu julgamento prévio: mesmo sem nunca ter nenhuma informação sobre a vida do irmão, julgou que Sergio era um homem apaixonado por livros. De acordo com o filósofo, é evidente que “não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apeteçamos, que a desejamos, mas ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejá-la, que a julgamos boa” (SPINOZA, 2016, p. 106).

4. CONCLUSÃO

Procuramos, no presente artigo, analisar o romance *O irmão alemão*, de Chico Buarque, observando de que modo os dois momentos históricos presentes no texto influenciam o circuito de afetos dos personagens. Buscamos compreender também como, em um outro nível da narrativa, os encontros entre os corpos dos familiares do narrador aumentavam ou diminuía suas potências de agir.

Como vimos anteriormente, o medo é o afeto político central que sustenta a ideia da necessidade de uma suposta segurança garantida pelo Estado. Ao tratar de dois momentos históricos que excedem os modos tradicionais da gestão social do medo — o nazismo alemão e a ditadura militar brasileira —, o romance apresenta o circuito de afetos de seus personagens influenciados pelos contextos. Vemos esse medo nas inúmeras tentativas preocupadas de Sérgio em provar ao governo alemão as origens arianas de seus antepassados, e nas memórias fantasiosas do narrador que conjecturava sobre a possível vida de seu irmão alemão em campos de concentração. No contexto da ditadura brasileira, o romance aponta a promoção do medo do inimigo interno feita pelo Estado, que desaparece com seu irmão brasileiro.

Por fim, vimos que há uma relação fundamental entre os livros e as potências de agir dos personagens. As formas como eles se relacionam estão ligadas ao modo como

os livros os afetam. Os corpos de Assunta, Sérgio, Mimmo e o narrador têm suas potências de agir estimuladas ou freadas de acordo com a forma como suas relações com os livros os alteram, os modificam. *O irmão alemão* é um caminho para o narrador tentar encontrar o pai, presente para ele apenas em seus fragmentos de vida deixados nas páginas dos livros. Porém, esse irmão representa uma frustração para o narrador, pois corta todas as relações de afeto com os livros, já que não mantém a fixação de sua família pela literatura, e sai pela música — arte que popularizou o autor do livro, Chico Buarque.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Scipione, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Amor líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.

Recebido em: 04/03/2022

Aceito em: 15/08/2022